

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo¹

Resumo: O manuscrito clandestino *Jordanus Brunus redivivus ou Traité des erreurs populaires* foi publicado em 1771, não trazendo indicação alguma de sua autoria. Entretanto, a despeito do anonimato da obra, ela tornou-se um dos textos mais famosos dentre a filosofia clandestina do século XVIII, aludindo a um filósofo que foi uma das maiores vítimas da superstição e do fanatismo de sua época: Giordano Bruno. O título do escrito é uma espécie de homenagem ao pensador italiano, mas não há no decorrer da obra uma menção sequer que comprove que o autor anônimo tenha lido uma linha de suas obras, mesmo que seja considerado o elo filosófico de união entre o brunismo da primeira metade do século XVII e o da segunda metade do século XVIII. É em um encadeamento de ideias progressivo no *Jordanus Brunus* que nos permite encontrar o fio condutor das reflexões do autor: a sua formulação do ateísmo caracteriza-se por sua abordagem não dogmática, dissimulada, preparando o solo para o racionalismo ateu que estaria por vir. O presente artigo limitar-se-á à terceira e quarta partes do manuscrito, nas quais o autor anônimo vai tratar diretamente da questão da existência de deus e fazer diversas objeções às provas de sua existência.

Palavras-chave: *Jordanus Brunus*, filosofia clandestina, ateísmo.

THE ATHEISM IN THE MANUSCRIPT *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Abstract: The clandestine manuscript *Jordanus Brunus redivivus ou Traité des erreurs populaires* was published in 1771, providing no indication of its authorship. However, despite the anonymity of the work, it became one of the most famous texts among the clandestine philosophy of the 18th century, alluding to a philosopher who was one of the biggest victims of superstition and fanaticism of his time: Giordano Bruno. The title of the writing is a kind of homage to the Italian thinker, but there is not a single mention throughout the work that proves that the anonymous author has read a line of his works, even though it is considered the philosophical link between the Brunism of first half of the 17th century and the second half of the 18th century. It is in a progressive chain of ideas in *Jordanus Brunus* that allows us to find the guiding thread of the author's reflections: his formulation of atheism is characterized by its non-dogmatic, dissimulated approach, preparing the ground for the atheistic rationalism that was to come. This article will be limited to the third and fourth parts of the manuscript, in which the anonymous author will directly address the question of the existence of god and make several objections to the evidence of his existence.

Keywords: *Jordanus Brunus*, clandestine philosophy, atheism.

¹ Docente de Filosofia do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS) e Docente do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (PPGF-UFS). E-mail: marceloprime@academico.ufs.br. Orcid: 0000-0002-7406-5371.

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

“No primeiro momento de estupefação, acreditou-se em tudo. Depois, porém, tendo-se refletido, percebeu-se que um ser tal como Deus é impossível. E, no entanto, se ele não é tudo aquilo que seus partidários dizem que ele é, ele não é Deus”.

Jordanus Brunus Redivivus, V.

“Onde estão, pois, os homens convictos da existência de seu deus? Quem são aqueles nos quais encontraremos uma certeza completa dessa pretensa verdade, tão importante para todos? Quais são as pessoas que se deram conta das ideias que elas formaram sobre a divindade, sobre os seus atributos, sobre a sua essência? Lamentavelmente, não vejo em toda parte senão alguns especuladores que, à força de se ocuparem com isso, acreditaram loucamente identificar alguma coisa nas ideias confusas e descosidas de sua imaginação”.

Barão de Holbach, *Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral*, II, x.

“Nunca devemos admitir como causa daquilo que não compreendemos algo que ainda entendemos menos”.

Marquês de Sade, *História de Juliette ou As prosperidades do vício*, I.

INTRODUÇÃO

O manuscrito clandestino *Jordanus Brunus redivivus ou Traité des erreurs populaires* foi publicado em 1771, não trazendo indicação alguma de sua autoria.² A despeito do anonimato da obra, ela tornou-se um dos “mais conhecidos clássicos da filosofia clandestina”, (SCHÖPKE; BALADI, 2008, p. 17-18) fazendo alusão a um filósofo que foi uma das maiores vítimas da superstição e do fanatismo de sua época: Giordano Bruno.³ Contudo, se o título é uma espécie de homenagem ao pensador italiano,

² A redação do presente texto baseia-se em duas edições do manuscrito. A primeira é uma tradução para o português direta do manuscrito original feita por Regina Schöpke e Mauro Baladi, fazendo parte de uma compilação de textos intitulada *Filosofia clandestina: cinco tratados franceses do século XVIII*, pela Companhia das Letras, 2008. A segunda é uma edição francesa modernizada e crítica, com o título *Philosophes sans Dieu: textes athées clandestins du XVIII^e siècle*, organizada por Gianluca Mori e Alain Mothu, Honoré Champion, 2010. Nesse sentido, se a edição em português é de mais fácil acesso ao público brasileiro interessado nos temas filosóficos abordados nos textos reunidos na edição brasileira, contudo, a edição francesa a complementa trazendo um prefácio mais denso e com notas críticas a respeito tanto do contexto histórico dos textos escolhidos como quanto a respeito das possíveis influências filosóficas sobre determinados argumentos apresentados pelo autor do *Jordanus Brunus redivivus*.

³ Segundo Mori/Mothu, o título do manuscrito faz uma tripla menção à tradição dos *libres penseurs*, a saber, “pela menção do ‘inovador’ mártir da Inquisição Giordano Bruno, do inimigo dos erros populares

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

não há no decorrer da obra uma menção sequer que comprove que o autor anônimo tenha lido uma linha de suas obras, mesmo que seja considerado “o *trait d’union* entre o brunismo da primeira metade do século XVII e o da segunda metade do século” (RESCIA, 2016, p.283). Seus argumentos são extraídos de um capítulo chamado “Novateurs” do escrito *La Perfection de l’homme*, de Charles Sorel, surgido em 1655, e também do verbete “Bruno” do *Dictionnaire* de Bayle (MORI/MOTHU, 2010, pp.277-78). Somente no fim do “Avertissement”, há uma reflexão breve sobre o tema da pluralidade dos mundos, tema tratado por Bruno e também por Fontenelle em seus *Diálogos sobre a pluralidade dos mundos*.⁴

Quanto ao conteúdo e estrutura da obra, o ateísmo afirmado no *Jordanus* reúne os temas filosóficos mais radicais em relação às críticas das limitações e imposições de dogmas aos sábios, dividindo-se em 5 partes: 1) “Da pluralidade dos mundos”; 2) “Os conhecimentos humanos nada têm de certo”; 3) “Da existência de Deus”; 4) “Sequência do mesmo assunto: Deus não é imutável” e 5) “Não seria possível conciliar a ciência de Deus, seu conhecimento e seu governo absoluto com o mal que está no mundo.” É nesse encadeamento de ideias progressivo que nos permite encontrar o fio condutor das reflexões do autor: a sua formulação do ateísmo caracteriza-se por sua abordagem não dogmática, dissimulada, tornando-se “um monumento ateológico original, insidiosamente bastante poderoso, [...] fertilizando profundamente o racionalismo ateu por vir” (MORI/MOTHU, 2010, p. 285). Todavia, o presente trabalho limitar-se-á à terceira e quarta partes do manuscrito, nas quais o autor anônimo vai tratar diretamente da questão da existência de deus e fazer diversas objeções às provas de sua existência.⁵

69

O QUESTIONAMENTO DA EXISTÊNCIA DIVINA

Pomponazzi e do monumento da literatura clandestina ateia que é o *Theophrastus redivivus*, escrito em 1659” (2010, p. 277.)

⁴ Os organizadores da edição francesa sustentam que o teor filosófico do escrito tem uma forte influência do Barão de Holbach no que concerne a certas menções a fatos históricos – como o terremoto de Lisboa ocorrido em 1755 - em relação ao vocabulário, ao estilo literário e à defesa do ateísmo, contudo, descartam a hipótese de a obra ter sido redigida pelo próprio Holbach ou seus pares (2010, p. 279.)

⁵ No que concerne especificamente à terceira parte do manuscrito, Michael W. Hickson entende que o “epicurismo antiprovidencialista logo se torna um ateísmo sem rodeios [...] o qual oferece uma história natural da crença em Deus e, finalmente, um ataque filosófico à toda crença” (2013, p. 15). Contudo, não penso que o manuscrito clandestino tenha unicamente uma estrutura de uma história natural. Penso que o *Jordanus Brunus* consiste em uma obra filosófica materialista composta de ataques contundentes às provas da existência de deus fornecidas por deístas e teístas.

<i>Revista Dialectus</i>	Ano 13	n. 32	Janeiro–Abril 2024	p. 67 - 81
--------------------------	--------	-------	--------------------	------------

Na transição do final da segunda parte para a terceira parte do *Jordanus*, o autor já anuncia, com certa ironia, que o primeiro burburinho espalhado pelo mundo a respeito da existência de uma divindade desorientou todo o universo. Se determinadas ideias vão sendo nutridas e ganhando vigor desde a sua gênese, seria um ato imprudente entrar em conflito com os autores de tal descoberta, principalmente no que concerne ao empenho na tentativa de demonstrar a existência de um ser divino e providente

Quando se espalhou pelo mundo o primeiro boato sobre a existência de Deus, ela deve ter lançado o universo na mais profunda perplexidade. Como as melhores ideias vão se aperfeiçoando desde seu nascimento, teria sido uma demonstração de mau humor contestar os autores dessa descoberta sobre o valor das provas que eles apresentavam da existência desse ser. Nossa imaginação é suscetível de alguns conhecimentos que de início parecem quiméricos, mas que a experiência realiza em seguida. E acontece muitas vezes de termos uma espécie de convicção da existência de alguns objetos antes de encontrar os termos apropriados para demonstrar aos outros essa mesma existência. A opinião sobre a existência de Deus é muito antiga para estar nesse caso. Seus partidários tiveram todo o tempo necessário para levar à perfeição uma hipótese que, tendo como objeto a felicidade de todos os homens – sem exceção –, deve ser de uma tamanha simplicidade que todos possam compreendê-la (2008, pp. 111-112; 2010, p. 317)⁶.

Segundo o anônimo, à imaginação é possível conhecer algumas coisas que à primeira vista pareciam fabulosas, porém, posteriormente concretizadas pela experiência. E, da mesma forma, acontece de se estar convencido de que determinados objetos existem mesmo na ausência de termos adequados para provar a outrem a existência deles. Entretanto, em relação à opinião da existência de um deus, ela é deveras antiga para enquadrar-se nos casos anteriores, devido a seus defensores terem possuído todo o tempo necessário para pensar e aprimorar uma ideia que, visando à felicidade da humanidade como um todo, talvez seja uma ideia demasiado simplória para não escapar à compreensão de todos. Contudo, a convicção antecedendo a demonstração torna comprometedor e questionável a validade das provas da existência de uma divindade que pretenda promover um consenso entre todos. Nesse sentido, eis uma primeira faceta

⁶ “Le premier bruit qui se répandit dans le monde sur l’existence de Dieu dut jeter l’univers dans la plus profonde perplexité. Comme les meilleures idées ne se perfectionnent pas dès leur naissance, il y aurait eu de la mauvaise humeur à chicaner les auteurs de cette découverte sur la valeur des preuves qu’ils apportèrent sur l’existence de cet être. Notre imagination est susceptible de certaines connaissances qui d’abord paraissent chimériques mais que l’expérience réalise ensuite, et il arrive souvent que nous avons une sorte de conviction de l’existence de certains sujets avant d’avoir trouvé des termes propres à démontrer aux autres cette même existence. L’opinion de l’existence de Dieu est trop ancienne pour être dans ce cas. Ses partisans ont eu tout le temps convenable pour porter à sa perfection une hypothèse qui ayant pour objet le bonheur de tous les hommes sans exception, doit être d’une simplicité qui soit telle que tous la puissent comprendre”.

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

do ateísmo que surge nas entrelinhas argumentativas do *Jordanus*, a saber, uma espécie de ateísmo cético, que consiste na exigência de provas a respeito de algo que lhe é ininteligível, porém, imposto:

não há, portanto, nada de odioso no procedimento de um homem que, de boa-fé, pede provas da existência de um ser desconhecido que lhe é anunciado, Todo o aspecto odioso estaria do lado dos partidários dessa existência se, como única resposta, ordenassem que o curioso fosse enviado para o suplício (2008, p. 112; 2010, p. 317).⁷

Na terceira parte do manuscrito, quando o autor anônimo vai tratar especificamente sobre a questão da existência de um deus, afirmando que os primeiros seres humanos estavam muito próximos do estágio inicial da natureza para buscarem alhures uma causa primeira para a sua existência. Na verdade, todos os que viveram no intervalo temporal que a natureza dispensou para fixar-se também não significou que tentaram elaborar um sistema causal da natureza:

Os primeiros humanos que existiram estavam muito próximos do parto da natureza para procurarem fora do seu seio uma causa para a sua existência. Aqueles que lhes sucederam e, em geral, todos aqueles que viveram durante o lapso de tempo que a natureza empregou para situar-se de uma maneira fixa, também não devem ter tentado constituir nenhum sistema da natureza da causa do seu ser (2008, p. 117; 2010, p. 323).⁸

71

Primeiramente, pela observação sucessiva da eclosão de novos seres, quando o fogo agindo conduz ao último grau de formação os embriões que não poderiam obtê-lo em uma massa geral. E, em segundo lugar, a diversidade de corpos que constituíam seu globo, indo em direção para sua esfera particular, o seu entrecchoque teria sido inevitável, assim, fazendo com que surgissem diversas calamidades no planeta. Dessa reflexão, o anônimo infere que uma calamidade que é resultante de um efeito em nada ajuda para se ter conhecimento da causa que a ocasionou e, mais do que isso, supor uma causa primeira é a incapacidade manifesta de se poder pensar em outras causas diversas:

⁷ “Il n’y a donc rien d’odieux dans le procédé d’un home qui de bonne foi demande des preuves de l’existence d’un être inconnu qu’on lui annonce. Tout l’odieux serait du côté des partisans de cette existence, si pour toute réponse ils ordonnaient qu’on envoyât le curieux au supplice”.

⁸ “Les humains qui existèrent les premiers étaient trop voisins de l’accouchement de la nature pour chercher hors de son sein une cause de leur existence. Ceux qui leur succédèrent, et en général tous ceux qui vécurent pendant le laps de temps que la nature employa à se placer d’une manière fixe, ne durent point non plus essayer à former aucun système sur la nature et la cause de leur être”.

Ora, o mal que resulta de um efeito não prova de maneira nenhuma a sabedoria da causa que o produziu. Aliás, o sistema da existência de uma causa primeira é o resultado da impotência para se distinguir uma infinidade de outras causas (2008, pp. 117-118; 2010, p. 322).⁹

Dessa forma, os defensores da existência de uma causa primeira sendo supostamente infinita em bondade, sabedoria e potência, não poderiam sustentar tal opinião devido aos homens observarem constantemente os efeitos maléficos que ela produzia no seio da natureza. E os males resultantes de determinados efeitos, não permitindo provar que houvesse uma causa única que os tenha produzido, mostra o quanto é ineficaz concebê-la diante da possibilidade infinita de outras causas para o mal.

NATUREZA OU DIVINDADE? O EQUÍVOCO ACERCA DA CAUSA PRIMEIRA DE TODAS AS COISAS

Segundo Miguel Benítez, no *Jordanus* há a clara condenação da “confusão de Deus com uma causa universal de todos os seres” e assim “proclama a sua inexistência” (2006, p. 28). Nesse sentido, devido a tal constatação o autor anônimo reconhece que não foi possível à humanidade ver a natureza em seus primórdios e, vendo-a em seu estado atual, poderia surpreender-se já que o percurso regular e harmônico dos corpos no globo terrestre, diversas produções e reproduções sucessivamente infinitas e a própria existência humana e de outros animais devem ter ensejado as mais variadas reflexões dentre os primeiros espectadores do universo. Entretanto, se a curiosidade inerente ao homem fez que com ele se empenhasse em entender mais profundamente a causa de tudo que observava, a natureza, em contrapartida, não lhe concedia a menor possibilidade de sondar e decifrar seus mistérios inexplicáveis. E trabalhando inutilmente para decifrar os códigos da natureza, ele

tomou o partido insensato de considerá-la um cadáver sem força nem vigor, um ser que não tem nenhuma existência própria e que, por conseguinte, é incapaz de proporcioná-la a qualquer outro sujeito. Por fim, ele supôs, de acordo com as qualificações que conferiu à natureza, que ela não passava de

⁹ “Or, le mal qui résulte d’un effet ne prouve point la sagesse de la cause qui l’a produit. D’ailleurs, le système de l’existence d’une première cause est le résultat de l’impuissance ou l’on s’est trouvé d’en démêler une infinité d’autres”.

um puro nada, subordinada à vontade onipotente de um outro ser que a havia animado, comunicando-lhe o movimento (2008, p. 119; 2010, p. 324).¹⁰

Se a natureza tivesse continuado a produzir criaturas do mesmo modo como fizera inicialmente, das duas, uma: 1) ou o mundo e a sua constituição seriam bem diferentes do que são, culminando em uma privação do poder da vida de se propagar; 2) ou instaurar-se-ia no mundo uma desordem inigualável. Para o anônimo, a impossibilidade da natureza de engendrar seres de forma idêntica como o fez em seu estágio inicial é evidente, pois a natureza é cega, insensível e age sempre ao acaso.¹¹ A isso não atentaram os partidários de uma causa primeira e, frustrados diante da impossibilidade de sondar a natureza, mesmo ela estando ao seu redor, optaram por reconhecer como princípio primordial “um ser do qual eles ignoravam até o nome, em vez de se considerarem filhos da natureza” (2008, p. 121; 2010, p. 326).¹²

O autor do *Jordanus* afirma que esse rebaixamento da natureza a uma instância de ordem sobrenatural é resultado direto da inevitabilidade do caráter do homem em supor uma causa primeira para todas as coisas, devido à preguiça, ao amor-próprio e à ignorância. Visando a livrar-se da incerteza, a humanidade inventou um ser inacessível à experiência – a qual é destruidora absoluta de qualquer invenção de um “sistema” da natureza – através da plena onipotência de uma divindade que servisse de fundamento a todos os efeitos da natureza que eram incompreensíveis ao homem:

Adotando a ideia de uma causa primeira, eles não tiveram o cuidado de ver que não apenas tiravam de si próprios a faculdade de responder às objeções contra a natureza, ao interditar a via da experiência, como ainda geravam uma multidão de dificuldades insuperáveis. Não existe nenhum homem de boa-fé que não reconheça que, além dos obstáculos frequentes que se encontram no desenvolvimento do sistema materialista, a partir do momento em que se admite um Deus, apresenta-se um grande número de impossibilidades que toda a arte dos sofistas não seria capaz de destruir (2008, pp. 122-123; 2010, pp. 326-327).¹³

¹⁰ “[...]il prit le parti insensé de la considérer comme un cadavre sans force ni vigueur, comme un être qui n’a point d’existence propre, et qui par conséquent est incapable de la procurer à aucun autre sujet; enfin, il prétendit, d’après les qualifications qu’il donna à la nature, qu’elle n’était qu’un pur néant subordonné à la volonté toute-puissante d’un autre être qui l’avait animée, en lui communiquant le mouvement.”

¹¹ Il y a impossibilité démontrée dans la production continuelle de la nature de la manière qu’elle a produit en premier lieu: aveugle e insensible comme elle l’est, c’eût toujours été au hazard qu’elle eût répandu les germs” (2010, pp. 325-326.)

¹² “[...] un être dont ils ignoraient jusqu’au nom, plutôt que de se regarder comme les enfants de la nature”.

¹³ “En adoptant l’idée d’une première cause, ils ne prirent pas garde que non seulement ils s’ôtaient la faculté de répondre aux objections contre la nature en s’interdisant la voie de l’expérience, mais qu’encore ils faisaient naître une foule de difficultés insurmontables. Il n’est point d’homme de bonne foi qui ne

Além dos obstáculos encontrados em um *sistema materialista* quando se é admitida a existência de um deus, uma gama de dificuldades se apresenta aos partidários de uma causa primeira e seus argumentos sobre sua vontade e onipotência divinas sempre atribuídas a tal causa. Nesse sentido, é aqui que mais uma vez acontece a *mise en scène* do ateísmo no *Jordanus Brunus*: se seus adversários valem-se de todos os recursos lógicos e retóricos possíveis para demonstrar a vontade e a onipotência de uma suposta causa primeira, o primeiro passo – e, sem dúvida, exige-se o ônus da demonstração argumentativa sólida e convincente para quem defende com veemência tal posição – é *provar* o que afirmam e, caso a prova seja convincente, isto é, se as consequências desse princípio são realmente resultadas deles, é forçoso aceitá-lo. Respondendo às questões objetadas a um sistema é que se pode estabelecer consistentemente a sua veracidade, e o anônimo é categórico: perseguições e suplícios impostos aos que procuram a verdade não são prova de coisa alguma, somente demonstrando que quem os aplica não tem melhores argumentos para apresentar. Daí, a questão: “Com efeito, que luz se lança no espírito de um homem que pergunta se existe um Deus se não lhe apresentam, como garantia dessa existência, senão o suplício de alguns filósofos que a negaram?” (2008, p. 124; 2010, p.328).¹⁴

74

A INFINITUDE DIVINA E O NADA

Em um subtópico da terceira parte, o anônimo vai tecer algumas considerações sobre a *infinitude* de uma divindade, a saber, sendo definida pelos religiosos como um ser

conviene qu'outre les obstacles fréquents qui se rencontrent dans le développement du système matérialiste, dès que l'on admet un Dieu il se présente un grand nombre d'impossibilités que tout l'art des sophistes ne saurait détruire”. Comparemos essa questão da necessidade da experiência com uma passagem do *Sistema da natureza* de Holbach, escrito em 1770, um ano antes do aparecimento do *Jordanus*: “É, pois, à física e à *experiência* que o homem deve recorrer em todas as suas investigações: são elas que deve consultar em sua religião, em sua moral, em sua legislação, em seu governo político, nas ciências e nas artes, em seus prazeres e dores. A natureza age através de leis simples, uniformes e invariáveis, que a *experiência* nos coloca ao alcance de conhecer. É pelos nossos sentidos que estamos ligados à natureza universal. É pelos nossos sentidos que podemos fazer *experiências* com ela e descobrir os seus segredos. A partir do momento em que abandonamos a *experiência*, caímos no vazio para onde a nossa imaginação nos desvia” (2010, I, i, p. 35, grifos meus).

¹⁴ “En effet, quelle lumière jette-t-on dans l'esprit d'un homme qui demande s'il y a un Dieu, si on ne lui donne pour garant de cette existence que le supplice qu'ont souffert quelques philosophes qui l'ont nié?”

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

infinito, que compreende tudo e não existindo nada alhures, ou melhor, o nada não simplesmente não existindo, já que a infinitude engloba tanto a existência quanto a possibilidade de existência. Entretanto, é levantada a questão: o que seria o nada? Partindo do pressuposto de que só é possível raciocinar sobre algo cognoscível pela experiência, o nada não poderia estar em um deus, pois, do contrário, sua existência não seria infinita, havendo em sua essência o ser e o não-ser. Por outro lado, o nada também não poderia estar fora da divindade, senão, da mesma forma, ela não seria infinita já que o nada tornar-se-ia uma possibilidade fora da esfera divina:

Deus é um ser infinito! Que triunfo para os materialistas! Além do infinito não existe nada; tudo está compreendido no infinito. É mesmo possível afirmar, de acordo com a proposição de *que existe um ser infinito*, que não existe de modo algum o nada, porque, como o infinito abrange igualmente tanto a existência quanto a possibilidade da existência, não se concebe nada além dele nem mesmo um único ponto matemático, nem um único espaço racional. Meu leitor percebe que não é para alegrar a matéria de que estou tratando que me divirto discutindo sobre o nada. Basta, para fazer desabar o edifício que os filósofos deístas ergueram sobre o nada, fazer-lhes uma única pergunta: o que é o nada? Eles se calam diante dessa proposição, pela razão – que repito tantas vezes nessa obra – de que só podemos raciocinar sobre as coisas que conhecemos, não importa de que maneira (2008, p. 128; 2010, p. 331, grifos do autor).¹⁵

O autor avança mais na sua argumentação: se o nada não possuísse existência alguma, ou redundantemente, se não fosse nada, ele não poderia sofrer alguma ação divina, já que não é possível que uma coisa seja e não seja concomitantemente. Todavia, se é atribuído pelos céus ao nada um ser ou uma possibilidade de ser, o nada era e não era, logo, um deus concebeu as duas coisas ao mesmo tempo, o nada era nada e alguma coisa. Se sua existência fosse somente possível *fora* de um deus, compromete-se a infinitude divina, visto que fora dela, há uma possibilidade de existir o nada. E caso contrário, se o nada existisse dentro de um ser divino, também sua infinitude tornar-se-ia contraditória, já que é a existência infinita-real que constitui a infinitude-real, e aí

¹⁵ “C’est un être infini que Dieu? Quel triomphe pour les matérialistes! Au-delà de l’infini il n’y a rien, tout est compris dans l’infini. On peut même affirmer d’après cette proposition, qu’il y a un être infini, qu’il n’y a point de néant, car l’infini embrassant également et l’existence et la possibilité de l’existence, on ne conçoit pas au-delà de lui un seul point mathématique même, pas un seul espace rationnel. Mon lecteur sent assez que ce n’est que pour égayer la matière que je traite, que je m’amuse à discuter le néant. Il ne faut, pour renverser l’édifice que les philosophes déistes ont élevé sur le néant, que leur faire une question. Qu’est-ce que le néant? Ils restent courts à cette proposition, par la raison que je répète si souvent dans cet ouvrage, que nous ne pouvons raisonner que sur les choses que nous connaissons, n’importe de quelle manière”.

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

encontrar-se-ia um ser não-real, com uma existência somente possível. Nesse caso, a infinitude divina seria somente uma possibilidade, devido à ausência de um nada que possuiria para ser um infinito real. Nessa altura, o anônimo argumenta: se um deus atribui um ser ao nada, ele abdicou do predicado “infinito”, pois desse nada, surgiu a natureza sendo material e com extensão, porém, esse deus é imaterial. Na verdade, criando a natureza, ele reduziu a sua infinitude para engendrar a matéria, ou faz-se necessário admitir que ele conservou a matéria na infinitude de seu caráter espiritual:

A partir do instante em que Deus deu o ser ao nada, ele renunciou à sua infinitude ou à sua espiritualidade. Que paradoxo!, exclamam meus adversários. No entanto, não se trata de paradoxo, e eu o provo. Não importa em que recanto da infinitude existisse o nada, ou seja, a possibilidade que *nada* tinha para *ser*. Desse *nada*, Deus fez a natureza. Ela é material, existe e tem extensão, mas Deus é puramente espiritual. A partir dessa criação foi necessário, portanto, que ele *diminuísse* sua infinitude para dar lugar à matéria, que ocupa um espaço, a menos que se prefira admitir que ele conservou a matéria na infinitude da sua essência espiritual. Entre esses dois pontos, deixo à escolha dos nossos adversários aqueles que melhor lhes convier; porém eles terão que optar por um” (2008, p. 129; 2010, p. 332, grifos do autor).¹⁶

Aqui fica evidente um outro aspecto do ateísmo no *Jordanus*, a saber, a equipolência entre ateísmo e materialismo, quando é afirmado que “logo de início, eu digo: se a matéria existe de fato, Deus não é infinito” (2008, p. 130; 2010, p. 333).¹⁷ A matéria sendo extensa, ela ocupa um espaço, logo, um deus e a matéria não podem ser confundidos, já que suas respectivas existências são absolutamente distintas, permanecendo em lugares diferentes. Contudo, a matéria é ampla em extensão, sendo necessária a redução na infinitude da divindade em prol da matéria. O anônimo aborda um outro aspecto da infinitude divina, a saber, se ela for infinita, sê-lo-á em suas perfeições:

O que é que poderia constituir a infinitude de um ser? É a infinitude das perfeições. Ora, como a matéria não é nem um único instante a mesma em nenhum ser, ela não poderia ser chamada de perfeita com uma perfeição de natureza e absoluta, porque a perfeição é imutável. É contraditório que um ser

¹⁶ “Dès l’instant que Dieu a donné l’être au néant, il a renoncé à son infinité, ou à sa spiritualité. Quel paradoxe, s’écrient mes adversaires! Ce n’en est pas un. Je prouve. N’importe dans quel recoin de l’infinité existât le néant, c’est-à-dire la possibilité que *rien* avait à *être*, de ce *rien* Dieu a fait la nature. Elle est matérielle, elle existe et a de l’étendue, mais Dieu est purement spirituel; dès cette création il a donc fallu qu’il *rapetisse* son infinité, pour faire place à la matière, qui occupe un espace, à moins qu’on n’aime mieux convenir qu’il a gardé la matière dans l’infinité de son essence spirituelle. Je laisse à choisir celui de ces deux sentiments qui c onviendra le mieux à nos adversaires ; mais qu’ils optent”.

¹⁷ “Et jê dis d’abord: si la matière existe réellement, Dieu n’est pas infini.”

perfeito mude, porque o que ele poderia adquirir com essas mudanças? Não há nada além da perfeição; ele só poderia adquirir, portanto a imperfeição – o que não é admissível. Por conseguinte, os filósofos partidários da Divindade reconhecessem, para salvar sua infinitude, que ela compreende a matéria, esse reconhecimento seria apenas para a sua infinita extensão, e não para a sua infinita perfeição, que estaria – desde então – destruída pela admissão da matéria em sua substância. E o que seria um Deus que não fosse infinito em suas perfeições? Não poderia ser um Deus, porque nós poderíamos conceber um ser de uma natureza superior à sua, ou seja, um ser que compreendesse em sua essência a infinitude das perfeições (2008, p. 131; 2010, pp. 333-334).¹⁸

Dessa maneira, o autor anônimo coloca em xeque o que tanto deístas e teístas entendem pela infinitude das perfeições divinas. Sendo admitida a *coexistência* da infinitude de um deus com a matéria, mas esta sendo sempre mutável em todos os seres, ela não poderia ter uma perfeição plena, já que perfeição e imutabilidade são equivalentes, sendo um paradoxo algo perfeito sofrer alguma metamorfose. Se não há nada além da perfeição, a única coisa que restaria a ser obtida seria a imperfeição, e se ainda quisessem salvar o conceito de infinitude divina de todas essas contradições admitindo a matéria, sê-lo-ia unicamente para a extensão e não para a perfeição da matéria. Um deus que não seja infinito em perfeições, não seria coisa alguma, dando margem à possibilidade de supor um ser de natureza maior do que a sua, que englobasse em sua essência a infinitude das perfeições Assim sendo, o anônimo constata a distância absurda entre o que se profere e entre o que se prova: “Deus existe e é infinito: isso é afirmado, mas não é provado. A matéria existe e ela é imensa: afirma-se isso e demonstra-se. Portanto, Deus não é infinito” (2008, p. 133; 2010, p. 335).¹⁹

¹⁸ “Qu’est-ce qui pourrait former l’infinité d’un être? C’est l’infinité des perfections. Or la matière n’étant pas un seul instant la même dans aucun être ne saurait être appelée parfaite d’une perfection de nature et absolue, car la perfection est immuable. Il est contradictoire qu’un être parfait change, car que pourrait-il acquérir dans ses changements? Il n’y a rien au-delà de la perfection. Il n’acquerrait donc que de l’imperfection, ce qu’on ne peut supposer. Par conséquent, lorsque les philosophes partisans de la divinité avoueraient, pour sauver son infinité, qu’elle comprend la matière, cet aveu ne ferait que pour son infinie étendue, et non pour son infinie perfection, qui serait dès lors détruite par l’admission de la matière en sa substance. Or qu’est-ce qu’un Dieu qui ne serait point infini en perfections? Ce ne pourrait être un Dieu, car nous pourrions concevoir un être d’une nature supérieure à la sienne, savoir, un être qui comprendrait en son essence l’infinité des perfections”.

¹⁹ “Dieu existe, il est infini. Cela est posé, mais cela n’est pas prouvé; la matière existe, elle est immense: on avance Ceci et on le démontre. Donc Dieu n’est point infini.” Nesse sentido, Segundo Antonella Del Prete, “Se as perfeições divinas são contraditórias em si mesmas e com o mundo, não faz mais sentido afirmar a existência de um infinito entendido como a plenitude de todas as perfeições. O único infinito aceitável é aquele que pode ser adaptado ao mundo material, o espacial e o temporal, vinculado à existência necessária. Nesse ponto, é inútil argumentar a necessidade de uma causa geradora do mundo, que deve remediar sua imperfeição, já que o pressuposto comum a esses textos é o de que a natureza é autossuficiente, ou seja, é capaz de gerar a movimento e vida, e pode mantê-los” [“Se le perfezioni divine sono contraddittorie in se stesse e con il mondo, non ha più senso asserire l’esistenza di un infinito inteso come pienezza di tutte le perfezioni. L’unica infinità accettabile è quella che si può adattare al mondo materiale,

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

Das considerações sobre a infinitude de um ser divino, na quarta parte do manuscrito, o anônimo vai refletir acerca da *imutabilidade* divina, afirmando que quem entende que a divindade é imutável, ela não pode sair do lugar, podendo ser afirmado que ela é totalmente destituída de movimento. O autor do *Jordanus Brunus* ilustrará seu argumento com uma metáfora do “vaso infinito”: se um deus infinito está dentro desse vaso, ele não se moverá e, mesmo com sua essência infinita, ele se movimentar é porque o mundo é mais infinito do que ele:

Após ter dito de um ser que ele é infinito, dizer que ele é imutável não pode dar a entender que ele se mova do seu lugar, porque, sendo infinito, ele ocupa todo o espaço possível, além do qual não existe nenhum espaço. É possível afirmar até mesmo que Deus, sendo infinito, é absolutamente privado de movimento. O movimento, diz Descartes, nada mais é do que a aplicação sucessiva dos corpos uns contra os outros. Entretanto, enchei completamente um vaso com os corpos que vos agradar e vereis a impossibilidade em que estareis de pô-los em movimento, porque a aplicação sucessiva que constitui o movimento exige que, para ser feita, intervalos que faltarão em vosso vaso totalmente cheio. Ora, supondo a máquina do universo, a natureza inteira como um vaso infinito, se Deus infinito está contido nele, ele não pode se mover. Se, apesar de sua infinitude, Deus tem algum movimento no mundo, é porque o mundo é mais infinito do que ele (2008, p.146; 2010, pp. 344-345).²⁰

Quando é usada uma expressão qualquer visando a denominar os seres, o que contém é sempre maior que o conteúdo. Diante da objeção que consiste que matéria alguma pode conter em si um deus, a infinitude será contraditória, pois ela cessará devido ao espaço que a matéria ocupa ou que em sua essência contém algo material. Dessa reflexão, surgirá uma outra a respeito da eternidade divina: se um deus viu desde a eternidade o mundo como devendo existir, porém, ele não foi criado de toda eternidade, devido à uma negligência dos céus, simplesmente *não* o querendo. Todavia, em um certo momento, ele criou o mundo, *querendo* fazer isso. Logo, se ocorreu um momento em que ele não quis aquilo que desejou em um outro momento, sua imutabilidade torna-se

quella spaziale e temporale, legata all'esistenza necessaria. A questo punto è inutile sostenere la necessità di una causa generatrice del mondo, che dovrebbe porre rimedio alla sua imperfezione, visto che l'ulteriore presupposto comune a questi testi è che la natura sia autosufficiente, cioè sia in grado di generare da se stessa il movimento e la vita, e possa conservarli”] (1994, p. 226).

²⁰ “Après avoir dit d’un être qu’il est infini, dire qu’il est immuable ne peut s’entendre qu’il ne remue pas de sa place, car étant infini, il occupe tout l’espace possible, au-delà duquel il n’est aucun espace. On peut affirmer même que Dieu étant infini, est privé absolument de mouvement. Le mouvement, dit Descartes, n’est autre chose que l’application successive des corps les uns aux autres. Mais emplissez parfaitement un vase de quelques corps qu’il vous plaira et vous verrez l’impossibilité où vous serez de les mettre en mouvement, parce que l’application successive qui le forme exige pour se faire des intervalles qui manqueront dans votre vaisseau exactement plein. Or, supposez la machine de l’univers, la nature entière, un vaisseau infini, si Dieu infini y est contenu il ne peut s’y mouvoir. Si, malgré son infinité, Dieu a du mouvement dans le monde, c’est que le monde est plus infini que lui”.

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

contraditória, uma vez que renegou o que ele quis criar posteriormente. Segundo o anônimo, é possível encontrar uma multiplicidade de atitudes semelhantes que provam cabalmente que a imutabilidade divina é incoerente. E o argumento tanto da criação como do fim do mundo refuta todos os argumentos dos teístas, uma vez que se o mundo teve um começo ele deva ter um término, subentendendo-se que a divindade não mais quererá que o mundo exista, “de onde resulta ainda que ele não é imutável” (2008, p. 149; 2010, p. 346).²¹

Conforme à noção corriqueira de imutabilidade divina, não é possível que um deus imutável seja o regente da natureza, já que esta é cega e seus efeitos são o resultado de uma série de fatores que a própria natureza não pode se precaver. Nesse sentido, seria mais plausível admitir a existência de um deus com toda a sua onipotência, eternidade e poder de curar todos os males ocorridos ao passo que eles aconteçam (2008, p.152; 2010, p. 348). Todavia, a forte convicção oriunda da constatação pela experiência que determinados efeitos naturais ocasionam os mais horrorosos infortúnios ao redor do globo terrestre faz com que a imutabilidade divina seja, no mínimo, questionada: se a divindade fosse imutável porque por um lado, não poderia evitar calamidades naturais porque desejou que elas ocorressem, ou, se não quisessem que elas acontecessem, simplesmente tê-lo-ias evitado ou as minimizado. Pode ser que diante dos efeitos devastadores da natureza, alguém ainda argumente que os mais variados querereres estão na essência divina, mesmo com a sua presciência, isto é, sabendo de tudo que ocorre na terra. Mas o anônimo prontamente ironiza: “[...] se Deus tem, em seu espírito, ideias tão diversas sobre um mesmo assunto, pergunto por que ele, sendo onipotente, deixa a ideia do mal ser a primeira a se realizar” (2008, p. 152; 2010, p. 349).²²

79

À GUIA DE CONCLUSÃO: AS OBJEÇÕES ATEIAS DO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS* ÀS PROVAS DA EXISTÊNCIA DE DEUS

O anônimo assevera que aqueles que acompanham de perto os escritos dos teístas sobre a existência de um deus supremo não tardarão a se aperceber que as respostas dadas às objeções que lhe foram feitas não foram consistentes, devido à imaginação aliada à

²¹ “d’où il résulte encore qu’il n’est point immuable”.

²² “Mais se Dieu a dans son esprit des idées si diverses d’un même sujet, je demande pourquoi étant tout-puissant il laisse l’idée du mal se réaliser la première.”

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

conveniência de atribuírem imagens e nomes que quiserem aos deuses. Contudo, são demonstrações sólidas da existência divina e de seus predicados que o autor do *Jordanus* exige no decorrer de todo o manuscrito: e, mais uma vez, o ateísmo é afirmado, mas em que sentido? Ora, longe de qualquer dogmatismo ateu em provar a inexistência de um deus por meio de argumentos circulares e sofismas, a definição de ateísmo do autor anônimo consiste no questionamento de determinadas proposições e na exigência da prova da parte de quem as afirma²³. Aos seus adversários, eis o recado:

[...] que me seja apresentada uma única demonstração, em todos os seus escritos relativos ao assunto que trato, e eu me renderei. Não basta dizer: existe um Deus, sua essência é tal, seus atributos são em tal número e de tal qualidade. São provas que peço. Contudo – dirão – o ateísmo não está mais bem comprovado que o teísmo. (p. 153; 2010, p. 350).²⁴

Assim sendo, as ditas provas da existência de um deus, do que o constitui e de suas características tem de se assentar eminentemente em demonstrações e não em convicções *a priori* excitadas pela imaginação. Tal exigência filosófica contra seus opositores manifesta o interesse do autor do *Jordanus Brunus Redivivus* em rechaçar o imaterialismo, quando eleva a experiência ao patamar de critério *par excellence* para mostrar o quanto a religião e a ideia de divindade lhe são opostas por natureza, lançando mão de “uma genealogia histórica e psicológica original da invenção deste ser supremo” (CHARLES, 2001, p. 63).

Quando é mostrado no manuscrito que há somente uma substância no universo, a questão seguinte é de determinar o que seja a natureza. Uma vez a matéria segundo recusada como capaz de preencher tal papel, aumenta exponencialmente a chance de se recair em absurdidades argumentativas como a negação da própria matéria, a existência de órgãos que sentem e de objetos que são sentidos. Desta feita, no *Jordanus Brunus* é argumentado que ou admitimos a existência de um ser espiritual infinito ou um ser material infinitamente extenso. Logo, se a matéria existe, a divindade não já que a existência da matéria não é deduzida nem demonstrada, mas posta. No caso de ainda

²³ Ceticismo ateu que vai muito mais além de, como defende John Spink, de ser “unicamente uma máscara que permite dissimular uma posição rigorosamente atea ou materialista” (CHARLES, 2008, p. 99).

²⁴ “[...] qu’on me montre une seule démonstration dans tous leurs écrits relatifs à l’objet que je traite, et je me rends. Il ne suffit pas dire: il y a un Dieu, son essence est telle, ses attributs sont en tel nombre et de telle qualité. Ce sont des preuves que je demande. Mais, dira-t-on, l’athéisme ne se prouve pas mieux que le théisme.

O ATEÍSMO NO MANUSCRITO *JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS*

Marcelo de Sant'Anna Alves Primo

exigirem uma prova da inexistência de um deus infinito, perfeito e imutável, onipresente, onipotente e onisciente, o autor nos lembra: “a não-existência de uma coisa não tem necessidade de provas: é a existência que deve ser demonstrada” (2008, p. 153; 2010, p. 350).²⁵

Referências bibliográficas:

BENÍTEZ, M. Anthony Collins revisitado: deísmo, panteísmo y ateísmo en los tiempos modernos. In: **Daimon: Revista de Filosofía**. Murcia: Universidad de Murcia, nº 41, 2007, pp. 25-40.

CHARLES, S. Ceticismo e clandestinidade. Trad. de Paulo Jonas de Lima Piva. In: **SKÉPSIS: Revista de Filosofia**, 2008, ano II, nº3, pp. 95-118.

_____. L'immatérialisme en terre ennemie: la pensée berkeleyenne dans le matérialisme des Lumières. In: **Lumen**, 2001, 20, pp. 49-69.

DEL PRETE, A. Il Jordanus Brunus Redivivus e il materialismo infinitista nel Settecento francese. In: **Filosofia e religione nella letteratura clandestina: secoli XVII e XVIII/a** cura de Guido Canziani; con la collaborazione de Maria Luisa Baldi e Gianni Paganini. Milano: Angeli, 1994, p. 209-236 (Filosofia e scienza nel Cinquecento e nel Seicento; 496.1.40). Disponível on line em: <https://dspace.unitus.it/bitstream/2067/430/1/Jordanus%20Brunus.pdf>

GIORDANO BRUNO REDIVIVO OU TRATADO DOS ERROS POPULARES (1771) In: **Filosofia clandestina: cinco tratados franceses do século XVIII/ César Chesneau de Marsais...** [et al.] Seleção, apresentação e tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2008, pp. 79-168.

JORDANUS BRUNUS REDIVIVUS OU TRAITÉ DES ERREURS POPULAIRES. In: MORI, G. & MOTHU, A. **Philosophes sans dieu: textes athées clandestins do XVIII^e siècle**. Paris: Honoré Champion, 2010, pp. 289-361.

HICKSON, M. W. A brief history of problems of Evil. In: MCBRAYER, J.P & HOWARD-SNYDER D. **The Blackwell Companion to the Problem of Evil**. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2013, pp. 3-18.

HOLBACH, B. de. **Sistema da natureza ou das leis do mundo físico e do mundo moral**. Trad. de Mauro Baladi e Regina Schöpke. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RESCIA, L. Una traduzione francese dello Spaccio de la bestia trionfante: nota sul ritrovamento di un manoscritto settecentesco. In: **Intrecci romanzi: Trame e incontri di culture**. Torino: Nuova Trauben editrice, 2016, pp. 277-292.

²⁵ “La non-existence d’une chose n’a pas besoin de preuves: c’est l’existence d’une chose qui doit être démontrée.”